

ção de palavras, expressões e pensamentos que faz a graça e a alma de sua escritura.

Podemos dar um exemplo? Sim. Não só um como vários, quer ocorram em um só conto ou em diversos. Há repetições de sintagmas simples ou compostos, apresentando ora variantes de natureza mórfica, ora semântica ou sintática, dentro de uma mesma peça, e, sem dúvida, no livro todo, como que tecendo a unidade. A primeira citação é longa mas me parece necessária. É interessante que o livro tenha início com a palavra "finalmente". Uma simples forma adverbial? Ou haverá outras intenções secretas ou inconscientes por trás?

Vejamo-la:

"Finalmente posou o olhar no globo de vidro e estendeu a mão.

- Tão transparente. Parece uma bolha de sabão, mas sem aquele colorido de bolha refletindo a janela, tinha sempre uma janela nas bolhas que eu soprava. O melhor canudo era o de mamoeiro. Você também não brincava com bolhas? Hein, Lorena?

Ela esticou entre os dedos um longo fio de linha vermelha preso à agulha. Deu um nó na extremidade da linha e, com a ponta da agulha, espetou uma conta da caixinha aninhada no regaço. Enfiava um colar.

- Oue foi?

Como não viesse a resposta, levantou a cabeça. Ele abriu a boca, tentando cravar os **dentes** na bola de vidro. Mas os dentes resvalavam, produzindo o som fragmentado de pequenas castanholas.

- Cuidado, querido, você vai quebrar os dentes!

Ele rolou o globo até a face e sorriu.

 Aí cu compraria uma ponte de dentes verdes como o mar com seus peixinhos ou azuis como o céu com suas estrelas, não tinha uma história assim?
 Que é que era verde como o mar com seus peixinhos?" (Os Objetos, pg. 3).

Coloquei em negrito algumas palavras ou expressões para evidenciamento melhor das minhas asserções. Resta ainda explicar que existe como que uma obsessão pelas cores neste livro de Lygia Fagundes Telles, dai porque, aproveitando a transcrição, já as apresento em destaque: coloridas, vermelhas, verdes, azuis. E seguem outras cores por todo o conto: brancas, preto, ruge, cheio de pingentes de todas as cores.

Antes do Baile Verde, como já observou Fábio Lucas, é um livro colorido e talvez possa ser explicado como uma tentativa inconsciente de recuperação da infância perdida. Nessa explicação psicológica também se assenta a abundante repetição de expressões significativas. Acrescente-se, para crédito, que as figuras de repetição são muito bem aproveitadas, e realçam sem afetar. Além do mais, não tenho conhecimento da ocorrência em outro autor, pelo menos com a mesma intensidade.

Reforço que me parece de suma importância registrar: No conto A Ceia, considerado por um crítico nacional como alinhado ao realismo mágico, naturalmente com diferenças enormes se comparado com a ficção de G. G. Marquez e Júlio Cortazar, observo que a presença insistente do isqueiro, testemunho e "tábua salvadora" de um momento desnorteante do casal protagonista, torna-se quase um personagem, um "tertio", na mesa do restaurante que abriga os dois "desnorteados".

Mais alguns outros sintagmas repetidos: em *Helga*, pg. 30: "sua beleza foi sua beleza"; em *O Moço do Saxofone*, pg. 33: "era o jeito, um jeito assim triste"; pg. 37: "um agudo tão agudo que me doeu no ouvido." No início de *A Caçada*, pg. 48/49, a repetição da palavra-objeto **grampo**, alternando com frases onde aparece o substantivo "**óculos**" dá bastante o que pensar. Talvez não seja somente reforço o que busca a autora: "A velha tirou o grampo do coque, e limpou a unha do polegar. Tornou a enfiar o grampo no cabelo. (...) - Nítida? repetiu a velha, pondo os óculos. (...) tirando novamente o grampo da cabeça. (...) Voltou a limpar as unhas com o grampo. (...) A velha firmou mais o olhar. Tirou os óculos e voltou a pô-los." *A Caçada* é, talvez, para o meu gosto, o mais interessante porque originalíssimo, surrealista e poético a um só tempo, onde

realidade, sonho, loucura e fantasia se encontram de forma inusitada. Uma criação de mestre, onde a imaginação foi bem alto. Creio que o fulcro do seu desvendamento estaria onde o personagem exclama:

- "Que loucura!... E não estou louco", concluiu num sorriso desamparado. Seria uma solução fácil. "Mas não estou louco." (pg. 51).

A Caçada é uma obra prima do conto brasileiro. Numa antologia em que só se pudesse colocar um conto da Autora, não hesitaria em tê-lo como exemplo. Não quero dizer que não haja outros iguais ou melhores, para outros gostos, claro. Há, muitos. O livro comentado já é uma seleção, e isto diz tudo e talvez dispensasse uma crítica minudente.

Mas A Chave é outro conto que se presta ricamente à citação de repetições como reforço estilístico. Neste particular, seria o conto padrão, é a chave. Conflito de idade entre a mulher mais jovem e o homem maduro é explorado de maneira excelente. Oferecido ao mestre Carlos Drummond de Andrade, começa assim:

"Agora era tarde para dizer que não ia, agora era tarde. Deixara que as coisas se adiantassem muito, se adiantassem demais. E então? Então teria que trocar a paz do pijama pelo colarinho apertado, o calor das cobertas pela noite gelada, como nos últimos tempos as noites andavam geladas!" (pg. 53).

Bem, mas é necessário voltar ao ponto inicial, ao primeiro conto.

Em Os Objetos, como em outros trabalhos da Autora, as mais diversas imagens podem ser observadas, com prazer, na sua descrição simples, no desenrolar da história, tecida com riqueza de detalhes. linguagem viva (a das cores), temas ternos, uma tendência a humanizar os objetos (daí, sua hodiernidade). Ele, com ser o inicial, é assim um conto emblemático, feito do nada que é tudo: linguagem e desencontro. Chega-se a ter a impressão de que o personagem masculino dessa "história" é homossexual ou afeminado, em virtude da delicadeza de suas palavras e gestos.

Cabe acrescentar que a Autora elege o conflito de boa parte de suas "histórias" entre casais e amantes, namorados, casados, afeminados, etc. O núcleo de cada conto é uma verdade ou fato apavorante, estonteante, moral, física ou espiritualmente de relevo: Helga, Antes do Baile Verde, Apenas um Saxofone, A Janela, O Menino.

A respeito ainda da repetição, gostaria de transcrever o início do conto *O Jardim Selvagem*, pg. 79, bem significativo, pois o título se repete dando continuação a sentimentos e pensamentos outros que dele derivam mas vão muito além;

- "Daniela é assim como um jardim selvagem - disse o tio Ed olhando para o teto. - Como um jardim selvagem... Tia Pombinha concordou fazendo uma cara muito esperta. E foi correndo buscar o maldito licor de cacau feito em casa. Passei a mão na tampa da caixa de marrom glacê que ele trouxera. Era a segunda ou terecira vez que a presenteava com uma caixa igual, eu já sabia que aquele nome era como o papel dourado embrulhando simples castanhas açueardas. Mas, e um jardim selvagem? O que era um jardim selvagem?

Foi o que lhe perguntei. Ele me olhou com um ar de gigante da montanha falando com a formiguinha.

- Jardim selvagem é um jardim selvagem, menina."

De assuntos banais como o carnaval, já tão explorado na literatura contística, Lygia Fagundes Telles consegue tirar excelente resultado como vimos, mas também da observação de um quadro, dum encontro em restaurante, de atritos por gostos pessoais (Os Objetos) ou da profunda angústia existencial de uma artista (Meia-noite em Ponto em Xangai). Tudo vazado em finíssima compreensão humana, para expor emoções e sentimentos. Não se espere de L. F. Telles aquelas espetaculares histórias do naturalismo nem do realismo propriamente dito. Anedotas, mesmo as recontadas com redução adaptativa para a literatura. Nada disto, Seu humor, quando vem, apresenta as características da serenidade, é simplesmente pelo escrever escrevendo, pelo narrar narrando. A leitura conven-



cc. Nem se espere filosofia. Se queremos transcrever um pensamento filosófico, temos dificuldades. Dois ou três, no máximo, encontram-se no livro todo. Em *Os Objetos*, pg. 5, diz Miguel:

"Se ninguém me ama, viro uma coisa ainda mais triste do que essas, porque ando, falo, indo e vindo como uma sombra, vazio, vazio".

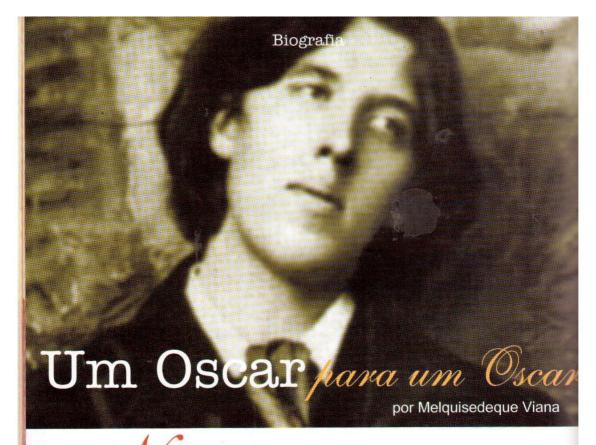
A esse pensamento Lorena contrapõe, algumas linhas abaixo:

"Muito mais importante do que sermos amados é amar".

Seus finais não têm nada de final (ver, por exemplo, Os Obietos, Meianoite em Ponto em Xangai), pelo que, em vez de classificá-la na linha de Machado de Assis e Maupassant, quero lembrar muito mais de Mansfield e Tchecov, mania que a gente tem de enquadrar tudo no que vem da Europa. Porém há bastante originalidade, criação, substância e trabalho da Autora. Seria, portanto, perda de tempo especular sobre suas leituras e mestres ou de quem recebeu influências. Pelo que sabemos, seu conto já começa a influenciar os mais novos, o que é bom. Talvez fosse mais útil apontar-lhe os discípulos. Ela já é fonte e não apenas leito.

Porém isto foge ao nosso modesto propósito, como à nossa capacidade.

Francisco Miguel de Moura, escritor, é membro da Academia Piauiense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura



o ano de 2000 comemorou-se o aniversário de falecimento de Oscar Wilde. Entretanto, não houve condições para que destacássemos o fato nesta revista, por

condições para que destacássemos o fato nesta revista, por motivos vários. Como a data é da maior importância para a vida literária de todos os povos, penitenciamo-nos e o fazemos nesta oportunidade, tal como mereceram outros ilustres nomes da literatura nacional e mundial que completaram 50, 100, 200 ou 400 anos de nascimento ou morte, como foi o caso de George Bernard Shaw, Da Costa e Silva, Celso Pinheiro, Friedrich Nietzsche, Saint-Exupéry, Anísio Teixeira, Robert Stevenson, Guy de Maupassant e Giordano Bruno.

Cremos que, salvo as homenagens prestadas pelo Conselho de Cultura do Estado a Gilberto Freire, Da Costa e Silva, Rui Barbosa e Eça de Queiroz, nenhum outro órgão se dignou em lembrar desses mais que ilustres mortos, cujas contribuições para as letras foram de valor inestimável. Daí o nosso trabalho.

Ressalte-se, por necessário, que o autor enfocado, é desconhecido de grande parte de nossa juventude, tendo como motivos a não inclusão de seu nome nos programas de vestibulares de escritores do mundo inteiro, como os da Alemanha, França, Espanha, Inglaterra. Além do Brasil, somente os escritores de Portugal são incluídos, o que a nosso sentir se constitui em uma falha inconcebível. Ou colocamos

escritores de todo o mundo ou deixemos apenas os do Brasil.

Assim, prestamos-lhe nossa homenagem pelo centenário de sua morte, não levando em conta a sua vida particular afetiva, objeto de condenação pela sociedade européia da época. Os dados abaixo relacionados foram retinados de algumas publicações editadas no ano passado, por diversas editoras do país, em comemoração ao aniversário de seu falecimento.

Dados pessoais: Oscar Wilde nasceu na cidade de Dublin, aos 16 de outubro de 1854, tendo recebido o nome completo de Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde. Filho de William Robert Wills Wilde e Jane Francesca Elgee, ambos irlandeses. Além dele nasceram mais dois irmãos, William, em 1853, e Isola, em 1859.

Estudou na Portora School de Enniskillen, cidade no norte da Irlanda, indo depois para o Trinity College de Dublin, seguindo mais tarde para o Magdalen College, em Oxford. Em 1878 obteve o título de Bacharel em Artes.

Um ano depois fixou residência em Londres, tendo viajado pelos Estados Unidos, a partir de 1882, fazendo diversas conferências, seguindo mais tarde para o Canadá. Retornando aos Estados Unidos, embarcou de volta para Londres no fim desse mesmo ano. De lá resolveu visitar Paris, onde passou três meses, conhecendo vários nomes da literatura internacional. Em maio regressou a Londres, retornando mais uma vez para os Estados Unidos.

Em 1884 casou-se com
Constance Lloyd, fixando residência em
Chelsea, na Tite Street, após uma
viagem a Paris. Desse consórcio nasceu
o filho Cyril, que faleceu logo em 1915,
na França: dois anos depois nasceu o
segundo, desta vez Vivian, época em
que começaram a surgir rumores sobre o
gênero de vida do escritor.

Após uma série de fatos em 1895, foi preso preventivamente em Bow Street, sendo depois transferido para a prisão de Holloway, como réu de crime inafiançável, tendo como resultado final a condenação a dois anos de prisão com trabalhos forçados. Meses depois foi transferido para a prisão de Pentoville, indo mais tarde para a de Wandsworth. A seguir foi para o cárcere de Reading, onde ficou até o final de sua sentenca.

Em 1897, já em liberdade, viajou a Londres e depois a Dieppe, na França, onde fixou residência por algum tempo, tendo viajado neste ínterim a Nápoles, a convite de amigos. Abandonado pelo amante Douglas, (v. abaixo), voltou a Paris, alojando-se no Hotel de Nice. No ano seguinte faleceu a esposa, em Gênova.

Neste mesmo ano, do falecimento da esposa, voltou a Paris, alojando-se na mesma rua, mas no Hotel d'Alsace, onde ficaria até o fim de seus dias. Viajou ainda a Côte d'Azur, passando depois uma temporada na Suíça, terminando por uma viagem a Roma e retorna definitivamente a Paris, já adoentado, adotando daí por diante o pseudônimo de Sebastian Marmoth. Em 1900, foi operado pelo médico Tucker, sem grande êxito, terminando por falecer, vítima de meningite cerebral e infecção auditiva, aos 30 de novembro.

Obras do autor: Oscar Wilde escreveu sobre quase todos os gêneros literários. Mas, de acordo com o volume de sua Obra Completa, editado pela Editora Nova Aguilar SA, 1995, são estas as principais obras do escritor: Romance: apenas O Retrato de Dorian Grav. Estórias e Contos: O Príncipe Feliz e Outros Contos, Uma Casa de Romãs, O Crime de Lorde Artur Saville e Outras Estórias e Contos Diversos. Teatro: Vera ou os Niilistas, A Duquesa de Pádua; O Leque de Lady Windermere: Salomé: Uma Tracéctia Florentina; Uma Mulher sem Importância; Um Marido Ideal; A Importância de

A obra de Oscar Wilde não envelhece. É tão atual que bem poderia ter sido escrita esta manhã.

ScrPrudente; Fragmentos de Obras Teatrais. Poemas: Eleutéria; Rosa Mística; Anêmonas; Flores de Ouro; Impressões de Teatro; O Quarto Movimento e Outros Poemas.

Escreveu também várias outras obras, catalogadas como Diversos, entre os quais: Poemas em Prosa; Conferências; Ensaios; Artigos e Comentários; Pagina de Autocrítica; De Profundis (Correspondência ao amante); e Outros Escritos.

Impressão sobre o poeta Dissemos acima que o leitor não seria informado sobre a vida particular de Wilde, mesmo porque o espaço não comporta. Registre-se, porém, que o escritor manteve um relacionamento amoroso com um certo Lorde, denominado Alfred Douglas, apelidado apenas por Bosie, do que resultou uma de suas mais lidas obras, o De Profundis.

O fato lhe causou um grande e fatal transtorno na vida, resultando ser levado às barras da Justiça, para ser julgado como homem de conduta condenável pela sociedade de então, ou seja, pelo seu homossexualismo. O leitor que se interessar poderá inteirar-se do caso, lendo o livro de autoria de Richard Ellman, intitulado Oscar Wilde, editado pela Companhia das Letras.

Do mesmo modo, não há espaço



para os comentários sobre as suas obras, o que seria desejável. Entretanto fixaremos alguns pontos de destaque, para finalizarmos nossa participação em sua homenagem.

Conforme o pensamento de James Laver, foi o escritor inglês (irlandês) mais lido fora da Inglaterra, depois de Shakespeare. Foi e é uma figura controvertida, mas na Europa continental a sua reputação continua tão elevada como sempre foi e seu nome, depois do dramaturgo inglês citado, é o mais eminente.

Aqui no Brasil, a Revista Cult/40 prestou homenagem ao dramaturgo irlandês, através de dois estudos de autoria de Marcello Rollemberg e Maria Cristina Elias, tendo colhido a informação de que foram feitos lançamentos de várias obras do autor por diversas editoras do país. O Jornal do Brasil, edição de 2 de dezembro, trouxe uma excelente reportagem sobre a Fotobiografia de Oscar Wilde, assunto que merece ser pesquisado.

A revista *Bravo* de novembro de 2000 trouxe importante texto sobre Oscar Wilde, sob o nome de *A importância de ser Oscar Wilde*, Vamos ler ? O convite é feito porque um dos maiores escritores mundiais, Jorge Luís Borges, proclamou: "A obra de Oscar Wilde não envelhece. É tão atual que bem poderia ter sido escrita esta manhã".

James Joyce, no entanto, em um comentário sobre a reapresentação da ópera Salomé, inspirada na homônima de Wilde, afirma: "O verdadeiro pulso da arte de Wilde é o pecado. Se há alguma verdade em suas interpretações subjetivas de Aristóteles, em seu pensamento inquieto que procede mais por sofismas do que por silogismos, em suas assimilações de natureza tão estranha à sua como é a do delingüente em relação ao humilde, esta verdade é. essencialmente, a verdade inerente ao catolicismo: que o homem só pode chegar ao coração do divino através desta consciência da perda e da distância a que chamamos pecado".

Depois arremata: "Sua fantástica lenda, sua obra – uma variação polifônica sobre as relações entre a arte e a natureza, porém, ao mesmo tempo revelação da psique do autor – seus brilhantes livros faiscando com epigramas (que na opinião de muitos lhe deram a categoria

de orador mais penetrante do século) tudo isso agora é despojo repartido".
Otto Maria Carpeaux, contudo, disse:
"O mundo deu mais uma volta e Wilde também voltou".

Depois da polêmica só resta ao leitor tirar as suas conclusões. Que tal começar com o *Retrato de Dorian Gray*?

Pensamentos e máximas Entendi fosse útil trazer ao conhecimento dos eventuais leitores um elenco de
máximas e pensamentos do autor,
retirado de suas diversas obras. Para isso,
tive que buscar auxílio no recente livro
de autoria de Karl Beckson, este, na
verdade, apenas o organizador de tais
máximas e pensamentos. O livro foi
editado pela Editora Garamond, do Rio
de Janeiro, já no ano de 2000, quando se
comemorou o centenário de morte de
Wilde:

Absinto - "Após o primeiro copo, você vê as coisas como gostaria que elas fossem. Após o segundo, você as vê como elas não são. Finalmente, você as vê como elas realmente são – e é a coisa mais horrível do mundo".

Alma - "Quem não vê diferença entre alma e corpo carece de ambos".

Amigos - "Seleciono meus amigos pela aparência, meus conhecidos pelo caráter e meus inimigos pelo intelecto. Um homem deve ser muito cuidadoso na escolha dos inimigos".

Amizade - "A amizade é muito mais trágica do que o amor: dura mais".

Amor - "As pessoas que só amam uma vez na vida são as verdadeiramente superficiais. O que denominam lealdade ou fidelidade, eu chamo de letargia do hábito ou falta de imaginação".

Arte - "Vivemos numa época em que as pessoas tratam a arte como se ela fosse uma forma de autobiografia. Perdemos o senso abstrato da beleza".

Boas intenções - "É sempre com as melhores intenções que se faz o pior".

Certeza - "Ter certeza é fatal. O que me encanta é a incerteza. A neblina torna as coisas maravilhosas".

Ceticismo - "O ceticismo é o começo da fé".

Crime - "Todo crime é vulgar, da mesma maneira que toda vulgaridade é crime".

Crítica - "Tanto a mais elevada quanto a mais baixa forma de crítica são uma espécie de autobiografia".

Descontentamento - "O descontentamento é o primeiro passo para o progresso de um homem ou de uma nação".

Felicidade - "A felicidade de um homem casado depende das pessoas com quem não se casou".

Fidelidade - "A fidelidade é para a vida emocional o mesmo que a coerência para a vida intelectual: mera admissão de fracasso".

Fracassos - "Como os fracassos são fascinantes!".

Homens e mulheres - "Quando uma mulher se casa novamente é que detestava o primeiro marido. Quando um homem volta a se casar, é que adorava a primeira esposa. As mulheres tentam a sorte; os homens põem em risco a sua".

Juventude - "Para recuperar a juventude, as pessoas têm apenas que repetir as mesmas loucuras".

Mediocridade - "Só as mediocridades progridem. O artista transita num ciclo de obras-primas em que a primeira não é menos perfeita que a última".

Milagres - "Milagres sempre acontecem. É por isso que não podemos acreditar neles".

Morte - "Não tenho medo da morte. O que me aterroriza é a aproximação dela".

Opinião pública - "A opinião pública se impõe apenas onde não há idéias".

Papas - "Como o Vaticano manteve sua retórica de ameaças mesmo depois de perder seu poder de queimar, é melhor que o artista não conviva com papas".



Pessoas - "É absurdo dividir as pessoas em boas e más. Ou elas são interessantes ou são chatas".

Prece - "A prece nunca deve ser atendida, senão deixa de ser prece e vira correspondência".

Religião - "As religiões morrem ao se mostrarem verdadeiras. A ciência é o registro das religiões mortas".

Sucesso - "Observe os homens bem-sucedidos em qualquer profissão intelectual. Como são pavorosos. Exceto, claro, na Igreja. Mas acontece que na Igreja não se pensa: um bispo chega aos oitenta anos repetindo o que lhe ensinaram a dizer quando era um rapaz de dezoito, e, portanto, continua parecendo absolutamente encantador".

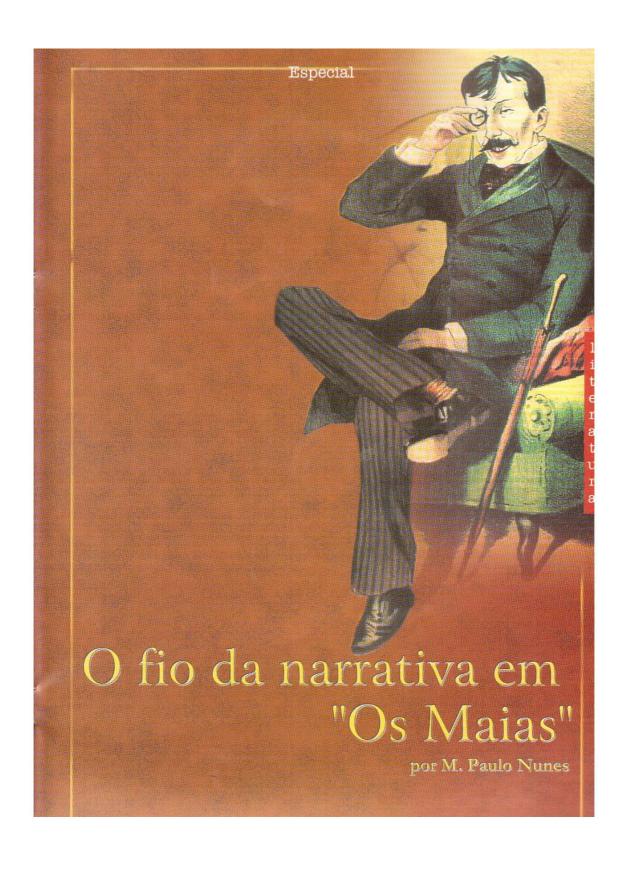
Surpresa - "Estou sempre me surpreendendo comigo mesmo. É a única coisa que faz com que valha a pena viver".

Suspense - "Este suspense é terrível. Espero que dure".

Tentação - "Posso resistir a tudo, menos às tentações".

Melquisedeque Viana é presidente da Câmara de Literatura do Conselho Estadual de Cultura





# Parte I

propósito de mais uma releitura d'Os Mains, provocada pela minissérie da Globo que desfigurou totalmente essa obra-prima da literatura portuguesa, seja pela inclusão de personagens de outros romances do autor, como A Reliquia e A Capital, esta, de publicação postuma, seja ainda pela desearacterização do entrecho, como a do absurdo

ainda pela descaracterização do entrecho, como a do absurdo casamento da Teresinha com o procurador Vilaça, estivemos folheando a biografia de João Gasapar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queiroz* (Liyraria Bertrand, 3º edição, 1980). E nos detivemos na parte em que aquele biógrafo, um dos mais autorizados de Eça, surpreende o fio da narrativa desse admirável ro-

Ao descrever o caráter do personagem central, Carlos da Maia, "bem nascido e rico, um perfeito Fradique Mendes", ele o vê, entretanto, "marcado pelo estigma fatal. Sua mãe, uma Monforte, filha de um negreiro, fugira ao marido com um napolitano. E se o velho Afonso da Maia não oculta a verdade ao neto, quando este vem a conhecer o fim trágico do pai, o certo é que nunca lhe fala da mãe... Certo dia, porém, acrescenta o autor, ao entrar no Hotel Central, convidado para um espetaculoso jantar do Ega, vê apear-se de um coupé, vindo dos lados do Arsenal, 'uma senhora alta, loura, com um véu muito apertado e muito escuro que realçava o esplendor de sua camação ebúrnea', senhora que passou diante deles, de Carlos e de Craft, com um passo soberano de deusa, maravilhosamente bem feita, deixando atrás de si como uma claridade, um reflexo de cabelos de ouro e um aroma no ar. Trazia um casaco colante de veludo branco de Gênova, e um momento sobre as lajes do peristilo brilhou o verniz de suas botinas'... E o romance come ça, continua aquele autor. Começa o romance de Carlos da Maia propriamente dito... E o romance passa a desenvolver-se em dois planos: um, o plano ocupado pela paixão de Carlos, o plano psicológico: outro, o ocupado pelo fervilhar da capital e da sua gente, o plano de crítica de costumes." (Ob. cit. pp.562-3).

Passei a assinalar pacientemente nesta releitura, pois cada vez fazemos uma leitura diferente dos autores de nossa predileção, as passagens do livro em que o autor descreve o objeto daquela paixão obsedante, e a que só se refere com a soberba qualificação de "deusa", tal a simparia com que o constrói o

No mesmo dia, à noite, a mesma visão o persegue:

"Eram três horas quando se deitou. E apenas adormeceta na escuridão dos cortinados de seda, outra vez um belo dia de Inverno morria sem uma aragem, banhado de cor de rosa; o banal peristilo do Hotel alargava-se, claro ainda na tarde; o escus deiro preto voltava, com a cadelinha nos braços; uma maiher passava, com um casaco de veludo branco de Gênova, mais alta que uma criatura humana, caminhando sobre nuvens, com um grande ar de Juno que remonta ao Olimpo; a ponta de seus sapartos de verniz enterrava-se na luz do azul, por trás as saias batámilhe como bandeiras ao vento. E passava sempre... (Os Māias. Eca de Queiroz, Leilo & Irmão Editores, vol. 1, p. 228)

Outra vez, ainda no Arerro, onde se encontra com o conde de Steinbroken, embaixador da Finlândia em Lisboa e comensal do Ramalhete, a mesma visão reaparece:

"Mas Carlos não escutava, nem sorria já. Do fim do Aterro aproximava-se, caminhando depressa uma senhora - que ele reconheccu logo, por esse andar que lhe parecia de uma deusa pisando a terra, pela cadelinha cor de prara que lhe trotava junto às saias, e por aquele corpo manvilhoso onde vibrava, sob linhas ricas de mármore antigo, uma graça quente, ondeante e nervosa." (Ob. cat. p. 252).

No encontro subsequente são os olhos que se encontrama "Carlos encontrara outra vez os seus olhos, profundos e seños: mas não he parecera tão bela; trazia uma outra todetre menos simples, de dois tons, cor de chumbo e cor de creme, e no chapéu, de abas grandes à inglesa, vermelhava alguma coisa, flor ou pena. Nessa tarde não era a deusa descendo das nuvens de ouro que se enrolavam além sobre o mar; era uma bonita senhora estrangeira que recolhia ao seu hotel." (Ob. cit., p. 254).

Até que finalmente aqueles dois destinos se fundem na casa da Rua São Francisco alugada à mãe do Cruges, ao atender Carlos ao chamado de Maria Eduarda para tratar da saúde da governanta inglesa.

"Voltou-se, viu Maria Eduarda diante de si.

Foi como uma inesperada aparição - e vergou profundamente os ombros, menos a saudá-la, que a esconder a turnultuosa onda de sangue que sentia abrasar-lhe o rosto... Obedecendo ao seu gesto risonho, Carlos pousou-se embaraçadamente à borda do sofá de repes. E depois de um instante de silêncio, que lhe pareceu profundo, quase solene, a voz de Maria Eduarda ergueu-se, uma voz rica e lenta, dum tom de ouro que acariciava." (Ob. cit., vol. II, p. 9).

A partir daí tem início aquele drama de amor e incesto, vivido pelos dois personagens, através de um dos mais perfeitos romances da literatura de língua portuguesa.

# Parte II

plano psicológico do romance Os Maias, segundo a observação do crítico João Gaspar Simões, em sua biografia Vida e Obra de Eça de Queuroz, a que já nos referimos anterior-

Vida e Obra de Eça de Queiroz, a que ja nos referimos anterior mente, parece assumir, na parte final deste romanec, um dos mais perfeitos, no gênero, jamais realizados na literatura portuguesa, as proporções de uma tragédia clássica.

Após o encontro do Ega com o tio do Dâmaso, aquele famoso Mr. Guimarães, amigo e compadre de Gambetta, segundo proclamava, à saída do sarau beneficente realizado no Teatro

da Trindade, no qual a alma sentimental dum povo se exibia num paleo, ao mesmo tempo nua e de casaca, segundo as palavras do romancista, instala-se na namativa o clima de ato final, mediante a revelação feita por aquele a um Ega estarrecido, do parentesso intimo existente entre Carlos e Maña Eduarda, o que proibia entre os dois uma relação amorosa.

Carlos, ao tomar conhecimento do fato; continua por algum tempo aquela relação, embora roído pelo remorso e o sentimento de cuipa, conforme o relato do autor.

"Era, surgindo do fundo do seu ser, ainda tênue mas já perceptível, uma saciedade, uma repugnância por ela, desde que a sabia do seu sangue!... Uma repugnância material, carnal, à flor da pele, que passava como um arrepio. Fora primeiramen-

te aquele aroma que a envolvia, flutuava entre os cortinados, lhe ficava a ele na pele e no fato, o excitava tanto outrora, o impacientava tanto agora - que ainda na véspera se encharcara em água-de-colônia, para o dissipar. Fora depois aquele corpo dela, adorado sempre como um mármore ideal, que de repente lhe aparecera, como era na sua realidade, forte de mais, museuloso, de grossos membros de Amazona bárbara, com todas as belezas copiosas do animal de prazer... Se partisse com ela, seria para bem cedo se debater no indizível horror de um nojo físico. E que lhe restaria então, morta a paixão que fora a desculpa do crime, ligado para sempre a uma mulher que o enojava - e que era...Só lhe restava marar-se!" (Ob. cir., pp.408-9).

Afonso da Maia, o último esteio daquele elá ilustre, prostrado pelo desgosto, "vencido enfim por aquele implacável destino que, depois de o ter ferido na idade da força com a des graça do filho - o esmagava ao fim da velhice com a desgraça do neto", conforme as palavras do autor, não mais tem forças para resistir a um novo golpe da Providência. Seu último encontro com o neto, que ele sabia presa de um sentimento culposo por manter-se escravo daquela paixão proibida, tem nas palavras do romancista a grandeza e o horror da tragédia antiga

"Defronte do Ramalhete os candelabros ainda ardiam. Abriu de leve a porta. Pé-ante-pé, subiu as escadas ensurdecidas pelo veludo cor de cereja. No paramar tateava, procurava a vela quando, através do reposteiro entreaberto, avistou uma claridade que se movia no fundo do quarto. Nervoso, recuou, parou no recanto. O clarão chegava, crescendo: passos lentos, pesados, pisavam surdamente o tapete: a hiz surgiu - e com ela o avô em mangas de camisa, lívido, mudo, grande, espectral. Carlos não se moveu, sufocado; e os dois olhos do velho, vermelhos, esgazeados, cheios de horror, cairam sobre ele, ficaram sobre ele, varando-o até às profundidades da alma, lendo lá o seu segredo. Depois, sem uma palavra, com a cabeça branca a tremer, Afonso atravessou o patamar, onde a luz sobre o veludo espalhava um tom de sangue: - e os seus passos perderam-se no interior da casa, lentos, abafados, cada vez mais sumidos, como se fossem os derradeiros que devesse dar na vida!" (Ob. cit., pp. 409-

A morte do avô, com cujo episódio concluímos esta nota, constitui uma das mais comoventes páginas da literatura portuguesa e nunca o lemos, e ora o fazemos pela oitava vez, sem a mais funda emoção:

"Afonso da Maia la estava, nesse recanto do quintal, sob os ramos do cedro, sentado no banco de cortiça, tombado por sobre a tosca mesa, com a face caída entre os braços. O chapéu desabado rolara para o chão; nas costas, com a gola erguida, conservava o seu velho capote azul. Em volta, nas folhas das camélias, nas áleas areadas, refulgia, cor de ouro, o sol fino de Inverno. Por entre as conchas da cascata, o fio de água punha o seu choro lento," (Ob. cit., p. 411).

# Parte III

entrecho deste belo romance que estamos comentando, em seu plano romanesco ou psicológico, na linha com que o vimos analisando,

segundo a lição de João Gaspar Simões, finda-se com o trágico desenlace da ação principal, após a morte de Afonso e a súbita partida de Maria Eduarda para Paris, ao tomar conhecimento, por intermédio do Ega, seguindo instruções de Carlos, do parentesco íntimo dos dois, impossibilitando aquela ligação amorosa, que os unia até ha pouco. Porquanto o capítulo final do livro ou o seu arremate não possui talvez nenhum interesse para o desfecho da narrativa principal que ali se finda.

Vale a pena ainda, entretanto, talvez com o propósito meramente didático de estimular o leitor a que leia ou releia essa obraprima de nossas duas literaturas, apontar-lhe ainda, em breve resumo, as cenas que compõem esse "gran finale

"No dia seguinte, na estação de Santa Apolónia, Ega, que viera cedo com o Vilaça, acabava de despachar a sua bagagem para o Douro, quando avistou Maria que entrava trazendo Rosa pela mão. Vinha toda envolta numa grande peliça escura, com um vén dobrado, espesso como uma máscara: e a mesma gaze de luto escondia o rostozinho da pequena, fazendo-lhe um laço sobre a touca... Ega correu para Maria Eduarda, conduziu-a pelo braço, em silêncio, ao vagão-salão que tinha todas as cortinas cerradas. Junto do estribo cla tirou devagar a luva. E muda, estendeu-lhe

- Ainda nos vemos no Entroncamento - murmurou Ega. Eu sigo também para o Norte." (Ob. cit., pp.432-3, 2"vol.)

Alguns sujcitos pararam, com curiosidade, ao ver sumir-se naquela carruagem de luxo, fechada, misteriosa, uma senhora que parecia tão bela e tão triste, coberta de negro." Apenas fechada a

portinhola, trava-se entre Ega e o Neves, o da Tarde e do Tribunal de Contas, o seguinte dialogo:

"-Quem e?

Ega arrastou-o pela plataforma, para lhe deixar cair no ouvido, já muito adiante, tragicamente:

-Cleópatra!" (Ob. cit., p.433).

O político, furioso, mal teve tempo de rosnar: "Que asno!"

Vilaça o aguardava no compartimento ao lado, "ainda deslumbrado com aquela figura de Maria Eduarda, tão melancólica e nobre. Nunca a vira antes. E parecia-lhe uma rainha de romance. (Ob. cit., idem)

E acrescentour

Acredite o amigo, fez-me impressão! Caramba, bela mulher! Dá-nos uma bolada, mas é uma soberba praça! (Ob. cit.,

No Entroncamento, Ega veio bater-lhe nos vidros do salão, que se conscivava fechado e mudo e lhe pergunta:

- Quer tomar alguma coisa, minha senhora?

Não, obrigada."

E a seguin

- Vai para o Porto? - murmurou ela.

Para Santa Olávia...

-Ah!

Então Ega balbuciou com os beiços a tremer. Adeus!

Ela aperrou-lhe a mão com muita força, em silêncio,

Ega, arravessou devagar, por entre soldados de capote enrolado a tiracolo, que corriam a beber à cantina. À porta do bufete voltou-se ainda, ergueu o chapéu. Ela, de pé, moveu de leve o braço num lento adeus. E foi assim que ele, pela derradeira vez na vida, viu Maria Eduarda, grande, muda, toda negra na claridade, portinhola daquele vagão que para sempre a levava." (Ob cit. p. 434).

# Parte IV

amos afinal ao arremate dessa fascinante história, após aquela "terrível semana" vivida pelo personagem central, Carlos da Maia, com a morte do avô, a partida de Maria Eduarda e a ruptura daquele relacionamento amoroso. Nada como está posto nessa minissérie da Globo, que adulterou por completo este belo romance, transformando-o num dramalhão à moda da casa. como ocorre com o surgimento, ao final da narrativa, de Maria Monforte, já àquela altura desaparecida, segundo o entrecho do romance. A sua ressuscitação e o reaparecimento em Lisboa, para encontrar-se com a filha e conhecer o filho que ali deixara pequeno, foi uma ideia do mais absoluto mau gosto da responsável pela adaptação, a Sra. Maria Adelaide Amaral. Mas isto já é outra história à qual pretendemos voltar noutra oportunidade. Iremos assim pinçar ainda, no capítulo final, algumas cenas ou situações em que mais uma vez aparece o fio da narrativa ou o aspecto psicológico desse belo romance que ora comentamos.

No último capítulo da narrativa, o VIII, do II volume da edição que estamos utilizando (Leilo & Irmão Editores-Porto - Edição do Centenário - 6° vol., 1951) há uma referência à notícia publicada na Gazeta Hustrada. em sua coluna do High-life, seis semanas depois, em que se diz que "O distinto e brilhante sportman Carlos da Maia e o nosso amigo e colaborador João da Ega partiram ontem para Londres, de onde seguirão em breve para a América do Norte, devendo daí prolongar a sua interessante viagem até ao Japão." Acrescenta a notícia que numerosos amigos foram a bordo do Tamar despectir-se dos simpáticos touristes, como os srs. ministro da Finlândia e seu secretario, o marquês de Sousela, conde de Gouvarinho, visconde de Darque, Guilherme Craft. Teles da Gama, Cruges, Taveira, Vilaça, general Sequeira, o glorioso poeta Tômás de Alencar, etc., etc. (Ob. cit., p. 435)

Fora isto, as primeiras notícias dos "viajantes" aparecem numa carta do Ega ao Vilaça, curta e tratando apenas de
negócios, mas à qual ajuntava um pos-escrito, com o título
"Informações gerais para os amigos". Ali conta "a medonha
travessia desde Liverpul, a persistente tristeza de Carlos, e
Nova lorque coberta de neve sob um sol rutilante". E acrescenta o missivista: "Está-se apossando de nós a embriaguês
das viagens, decididos a trilhar este estreito Universo, até que
cansem as nossas tristezas". Conclui com uma "larga distribuição de abraços a todos os amigos queridos". (Ob. cit., pp. 4367)

Passado ano e meio, "num lindo dia de Março, Ega reaparece no Chiado. É foi uma sensação! Vinha esplêndido, mais forte, soberbo de verve, cheio de histórias e de aventuras do Oriente..." e anunciando um novo livro de crônica heróica - Jornadas da Asia. (Ob. cit. p. 437)

"- E Carlos?..

-Magnifico! Instalado em Paris, num delicioso apartamento dos Campos Elísios, fazendo a vida larga dum principe artista da Renascença." (Ob. cit., idem)

Ao velho amigo e procurador da família, o Vilaça, entretanto, confessou que embora aparentasse uma vida de despreocupação, "lá no fundo do seu coração permanecia, pesada e negra, a memoria da semana terrivel".

"- Todavía os anos vão passando. Vilaça - acrescentou ele. - É com os anos, a não ser a China, tudo na terra passa"... (Ob. cit., ibidem).

No final de 1886, como informa o nosso autor, vindo passar o Natal perto de Sevilha, na propriedade de um dos seus amigos de Paris, dali escreveu ao Ega amineiando que «"depois dum exflio de quase dez anos, resolvera vir ao velho Portugal, ver as arvores de Santa Olávia e as marravilhas da Avenida. De resto tinha uma formidavel nova que assombraria o bom Ega, e se ele já ardia em curiosidade, que viesse ao seu encontro com o Vilaca, comer o porco em Santa Olávia.

Não podendo ir a Santa Olávia, retido num quarto do hotel Braganza, "com uma angina, desde uma ceia prodigiosamente divertida com que celebrara no Silva a noite de Pais". Vilora foi incumbida polo liva de levar ao amigo.

Vai casar! - pensou Ega."(Ob. cit., pp.437-8)

osamente divertida com que cerebiar ao sinva indice de Reis". Vilaça foi incumbido pelo Ega de levar ao amigo uma carta contando suas desditas com a angina e "lhe suplicava que se não retardasse com o porco nesses penhascos do Douro, e que voasse à grande Capital a trazer a grande nova." (Ob. cit., idem)

Ao reentrarem os dois amigos no Ramalhete, depois de um rápido passeio pela capital e de inteirar-se da saíde dos amigos e da vida febricitante de Lásboa, com a sua mesmice de sempre, segundo o Ega, sentam-se ao parapeiro e "ambos se esqueceram num silêncio".

"Então, naquela mudez de soledade e de abandono, Ega, com os olhos para o longe, murmurou devagar:

"-Mas tu desse casamento não tinhas a menor indicação, a menor suspeita?

- Nenhuma ... Soube-o de repente pela carra dela em Sevilha." (Ob. cit. pp. 463-4)

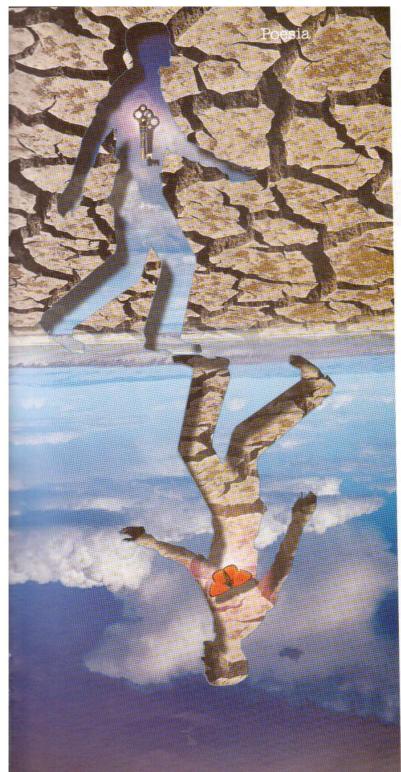
À pergunta do Ega se Maria Eduarda continuava a viver em Orleães, responde Carlos que sim, vivia numa quainta que la comprara, chamada Les Rosières. O noivo devia mora nas proximidades, pois que ela o chamava de vizinho "E era naturalmente um "gentilhomme campagnard", de família séria, com fortuna"...

"- E que efeito te fez isso?

- "- Um efeito de conclusão, de absoluto remate. É como se ela morresse, morrendo com ela todo o passado, e agora renascesse sob nova forma. Já não é Maria Eduarda. É madame de Trelain, uma senhora francesa. Sob este nome tudo o que houve fica sumido, enterrado a mil braças, findo para sempre, sem mesmo deixar memória ... Foi o efeito que me fez.
  - "- Tu nunca encontraste em Paris o sr. Guimarães?
  - Nunca, Naturalmente morreu." (Ob. cit. pp. 465-6)

 Paulo Nunes é presidente do Conselho Estadual de Cultura





# COGITO Torquato Neto

eu sou como eu sou pronome pessoal intransferível do homem que iniciei na medida do impossível

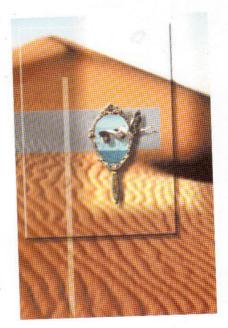
eu sou como eu sou agora sem grandes segredos dantes sem novos segredos dentes nesta hora

eu sou como eu sou vidente e vivo tranqüilamente todas as horas do fim.

#### SÚPLICA Melquisedeque Viana

- Empresta-me os teus cabelos fartos e negros; eu te darei os meus ralos e encanecidos que o tempo jamais restaura.
- Dá-me a tua audácia e volúpia; eu te darei um pouco do que me resta, que seca com o passar dos dias.
- Oferta-me o teu sorriso contagiante;
   eu te emprestarei o meu, indecifrável,
   imperceptível, que encurta a cada amanhecer.
- Mostra-me o fértil canteiro das esperanças; eu te indicarei o minado campo das ilusões, multiplicadas em novo anoitecer.

Juntos, ó vida inglória, seguiremos pelos caminhos refeitos dos amanhas incertos, rumo ao absoluto que nos aguarda sem medo.



### SER POETA Francisco Miguel de Moura

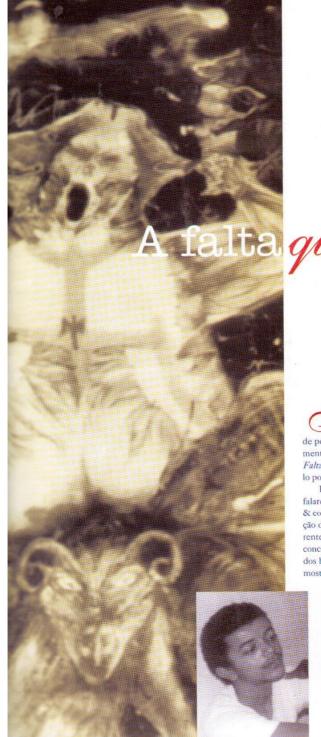


Ser poeta é andar por sobre um fio de acrobata, é imolar-se por prazer, não vacilar jamais contra seu ser e no poema escorrer-se como um rio.

É não ceder à forma por desvio e, assim, matar certezas sem alarde, sepultando os desejos que mais tarde ou bem mais cedo explodirão sem brio.

Ser poeta é ser Deus e, por tão pouco, deixar que o chamem de profeta ou louco... É ter, sem vaidade, a alma sem hímen.

É muito mais que isto, ao tempo impune, gozando das delícias que Amor une, ir sofrendo as paixões que nos redimem





falta que amamos por Cineas Santos

proporção que o tempo nos afasta de Fernando Costa, mais se acentua em cada um de nós a inevitável sensação de perda. Sempre que penso em Fernando, me vem à mente o título de um dos livros de Drummond - A Falta que Ama - e o irreprimível desejo de substituílo por a "falta que amamos".

Por absoluta incompetência de minha parte, não falarei do artista plástico, incontida explosão de forma & cores. Como artista, Fernando era a melhor tradução de inconformismo que impele à criação. Indiferente às leis do mercado e avesso a qualquer tipo de concessão, buscava no avesso das coisas, notadamente dos homens, aquela beleza recôndita que nunca se mostra aos levianos. Era um deus pagão recriando,

furiosamente, a obra do Criador. Parafraseando o poeta Dobal, poderíamos dizer: Fernando sempre cedo demais teria vindo.

Falarei do outro Fernando, o companheiro, o amigo, o irmão mais novo que, em vez de aprender conosco, nos ensinava a ver o que nos contentávamos em olhar. No Fernando, a elegância, a cordialidade e a dignidade não eram qualidades adquiridas: eram atributos inerentes à sua personalidade.

De tudo que nos ensinou, com certeza uma lição permanecerá: Não é necessário gritar para se fazer ouvir, basta dizer a coisa certa.



# Primeira parte

referimos homenagear o saudoso Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho - o inigualável - lendo e relendo alguns trechos de sua vasta produção literária, reunidos na Antologia de Barbosa Lima Sobrinho - 100 Anos de Vida Lutando pelo Brasil , selo da Editora Paz e Terra e organizada por Edson Teixeira Queiroz. E mesmo seu assíduo leitor, quantos artigos, textos e prefácios nos escaparam e só agora chegando ao nosso conhecimento para o revigoramento de nossa cidadania. Sua contribuição no trabalho de esclarecimento do país se fez sempre coerente e corajosamente em todos os campos da atividade humana, na Política, no Jornalismo, na Economia, nas Letras, na defesa do Idioma Pátrio, na História e na Administração Pública.

Da exrensa bibliografia do Mestre, destacamos, neste artigo, seu livro O Devassamento do Piauí, editado em 1946, cujo capítulo inicial se refere ao descobrimento do Piauí, com dados históricos e geográficos que merecem ser reavivados para os piauienses. Desde a própria origem do nome do estado às diversas designações atribuídas ao no Parnaíba. Como diz o Autor na referida obra: "Para o batismo da capitania, serviu de título um rio da zona sertaneja, um rio sem destaque, o Piauí, ponto obrigatório dos roteiros antigos para a entrada desses sentões". E a respeito do rio Parnaíba: "Ele sempre apareceu como Rio Grande dos Tapuias, Parnaré, Pará e Paraguaçu. O título de Parnaíba começa a aplicar-se depois de 1680, por meio das cartas de sesmarias... Pode-se admitir, como hipótese, que a denominação de Parnaíba viesse do primeiro trecho do rio, quando as corredeiras que o interceptam explicam um nome que quer dizer, em língua geral, "grande rio impraticável ou inavegável". Uma sina que o persegue até hoje em alguns trechos e que dificulta a regularidade de sua navegação, nos seus 1.485 quilômetros de extensão.

Capítulo rico em informações - o número 1 da citada obra - nos dá conta das várias expedições e entradas partidas do Maranhão, Pará, Bahia e Tocantins, destacando a que, possívelmente, seja a mais antiga - a das caravelas Rosa e Princesa, de 1531, sob o comando do português Diogo Leite. Também, ficcalizando as viagens de Aires da Cunha e dos filhos de João de Barros, subindo os rios da região, inclusive, o Parnaíba, a penetração dos bandeirantes, vindos de São Paulo, com as bandeiras de Sebastião Pais de Barros (1672) e do padre Antônio Raposo (1674).

Uma referência justa e muito honrosa para o Piauí está consignada nestes termos (p. 22): "Os verdadeiros descobridores - escreveu com muito acerto o lúcido Abdias Neves - os que não se limitaram a ver, foram os que viream, viram e ficaram, povoaram a terra e estabeleceram culturas, tiveram o sentimento de elegerem para domieflio e trouxeram os seus rebanhos". Abdias Neves, piauiense, jornalista e historiador, deixou obras de valor a respeito do Piauí, destacando-se Contribuições para a História do Piauí, Aspectos do Piauí e A Guerra de Fidic. Magistrado e político, seu legado literário foi muito além da história e dos problemas locais, comprovando sua versatilidade privilegiada de idéias, que o consagra, conforme disse Barbosa Lima Sobrinho, como um espírito "fucido". Membro da Academia Piauiense de Letras é patrono de uma de suas cadeiras e fundou vários órgãos da imprensa piauiense.



# Segunda parte Nicolau Resende ou Domingos Jorge Velho?

o capítulo anterior desta série, enfocamos o item do capítulo inicial do livro O Devassamento do Pianí do saudoso mestre Barbosa Lima Sobrinho, que se refere às inúmeras expedições levadas a efeito em direção das terras do Piauí, quase rodas partidas do litoral, e destacamos as de Aires da Cunha, dos filhos de João de Barros e Luís de Melo, dentre outras, e. agora, mencionando a de Nicolau Resende, "cuja embarcação soçobrou nos baixos do Maranhão", segundo o autor da obra de referência, que disse mais: "Ele deu notícia do litoral vizinho ao delta do Parnaíba, que era então o Rio Grande dos Tapuias" e daí, talvez, a dedução por alguns historiadores de haver sido o desafortunado navegador português o descobridor do Piauí. Fato ainda polêmico, merecedor de maiores pesquisas, Barbosa Lima parece até tratá-lo com desdém, quando se refere "a um certo Nicolau Resende".

A respeito do rio Parnaíba, além das designações já citadas, anteriormente, e pelas quais era chamado, outras podem ser mencionadas, como Parahiba, Rio-Mau, Paracatu, Rio-Bom, Paraná-Panema e Água-Malfadada. Ou é provável que o nome de Parnaíba houvesse sido dado em homenagem ao cabo paulista.

Mas o escopo principal do presente comentário se prende à presença ou não do bandeirante Domingos Jorge

